

OS ENTRELACES DA ESCOLA DO SÉCULO XXI E OS FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

THE INTERLACES OF THE 21st CENTURY SCHOOL AND THE METHODOLOGICAL FUNDAMENTALS IN THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING

LOS ENTRELAZES DE LA ESCUELA DEL SIGLO XXI Y LOS FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE

Junior César Ferreira de Castro¹

Desde a virada do século XX para o XXI, a escola brasileira vem passando por grandes metamorfoses em seu processo educativo ao visar um ensino interativo e transformador para se destituir de um sistema educacional centrado no acúmulo de conteúdo desintegrado da realidade do aluno. Esse modelo de instituição, segundo António Nóvoa² (2009), professor catedrático do Instituto de Educação e Reitor Honorário da Universidade de Lisboa, é aquele que tem o olhar fixo no ambiente escolar e na formação do professor a partir dos eixos do interagir, do apresentar, do investigar, do criar, do partilhar e do desenvolver, pois estes são os pilares dessa nova escola capazes de promover o tempo e o espaço da sala de aula em um lugar de estudo e de aprendizagem integrados com vistas as metodologias assistivas para a promoção da prática da cidadania. A comunicação e a comunidade, alicerces da escola progressista de John Dewey, caminharam e permanecerão unidas por longos anos uma vez que a educação é viabilizada na sociedade pela linguagem nos seus mais diversos meios dialógicos, oportunizando, junto com os docentes, a reconstrução do mundo por alunos formados por ideias e oportunidades.

A escola do hoje não deve reter o seu alunado apenas a um único espaço, pelo contrário, precisa, através da adoção de um currículo detido no conhecimento em rede, interligá-lo as relações humanas, socioculturais, religiosas, artísticas e agora nas digitais haja visto que eles são frutos dessa geração tecnológica. Com o surgimento da pandemia do vírus SARS-COV-2, o que percebemos foi a aceleração dessas etapas onde a unidade escolar e todos os seus sujeitos envolvidos se adaptaram, mesmo de modo instantâneo, impreciso e sem a devida qualificação, a esta última habilidade com suas competências sem perder os princípios da educação integral com a missão de capacitar os seus indivíduos em seres humanos mais autônomos e competentes. O tempo e o espaço da sala de aula está transitando do meio físico para o virtual e, com isso, as estratégias de ensino têm de ser revistas por causa das instigações impostas pelo coronavírus e pela era digital, justamente, com o uso de metodologias ativas que chegaram para permanecer e auxiliar o professor em uma prática docente colaborativa que, ao lado da comunicação, como mencionado anteriormente, passa a corroborar à favor da diversidade e das diferenças. A escola

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Mestre em Letras e Linguística, área de Estudos Literários na Universidade Federal de Goiás. Especialista em Literatura Brasileira (UNIVERSO). Pós-graduado em Linguística e Língua Portuguesa (UNIARA). Graduação em Letras Português/Inglês (UEG) e Pedagogia (CLARETIANO). Professor Adjunto da Faculdade de Anicuns e da Rede Pública de Ensino do Estado de Goiás. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1747-8425>. E-mail: profjuniorcastro@gmail.com.

² Cf. NÓVOA, António. **Professores**: imagem do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

do agora, assim podemos chamá-la uma vez que o futuro é o hoje, de acordo com a concepção agostiniana³, tem como fundamentos dos processos pedagógicos centrados na subjetividade do estudante, naquilo que ele traz de conteúdo de vida para o espaço escolar para ser mediado com o currículo, objetivando o ensino baseado na flexibilidade e na inter/transdisciplinaridade o que lhe permite uma participação ativa e a aquisição das competências sociais e cognitivas.

Pensando-se nas problemáticas que decorrem da perspectiva visionária da nova escola e dos princípios didático-pedagógicos do ensino, o presente volume 1, número 2, da revista em questão traz uma discussão de extrema relevância ao contexto educacional ao abordar a conexão entre a realidade da escola, dos alunos e da família com o mundo digital já que essa relação é cada vez mais valorizada pelo fato de tal geração tecnológica elevar o empoderamento escolar. A partir daí, o periódico acadêmico está dividido em quatro seções que debatem esses e outros valores integrados ao universo do ensino básico e do superior com trabalhos desenvolvidos que detenham da pesquisa bibliográfica, de campo, documental e exploratória. As análises partem dos estudos curriculares, de textos literários, dos níveis de ensino e da prática docente, propondo intervenções como soluções para as indagações apresentadas já que a maioria são instituídas pelo método indutivo, por uma visão qualitativa quanto quantitativa a fim de chegar à discussão dos resultados pela fundamentação da escola criativa ao trazer uma educação mais autônoma, engajada e efetiva, aproximando-se a sala de aula ao aluno e este com a sociedade. Desse modo, a primeira parte é composta pelo dossiê “Escola, ensino e os fundamentos dos processos pedagógicos” formada por onze artigos científicos que pleiteiam argumentos sobre algumas teorias como a abordagem Reggio Emília aplicada ao espaço do ensino infantil, a conectivista ligada a literacia mediática e digital por meio das competências em estratégias pedagógicas do ensino digital; das políticas públicas e educativas sobre a formação inicial de professores, do ensino e do professorado de língua portuguesa, o da literatura infantil e do letramento literário com foco na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), visando a educação socioemocional além daquelas que versam à respeito do ensino médio em tempo integral. Com relação a aquisição de metodologias para as etapas da aprendizagem encontramos textos que discutem a emergente virtualização do ensino pela inserção da utilização da tecnologia na educação durante o período de isolamento social, bem como as ferramentas digitais precisas para desenvolver a educação inclusiva e a de Jovens e Adultos (EJA).

A segunda seção é configurada também por onze artigos científicos enviados por fluxo contínuo com temáticas diversas pleiteadas por indagações que vão desde a comunicação, a comunidade e a cultura até ao processo da cidadania financeira e juventude para a capacitação de estudantes em defasagem de aprendizagem, sobretudo, das perspectivas das Instituições de Ensino Superiores em instigar a formação do capital humano para a gestão de recursos naturais. Com isso, discutem-se, ainda, as políticas públicas voltadas para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), os projetos dos cursos de formação de professores, a educação ambiental, a inserção do povo negro e dos surdos na educação formal brasileira e no mercado de trabalho, buscando a construção dos juízos de valores tanto na escola como na sociedade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB nº 9394/96, e a legislação educacional são retomadas para se pensar na resistência de fundar a nova escola pós-pandemia, o (re)pensar acerca dos direitos humanos, das representações da infância e dos cemitérios enquanto berço de memória; e da mesma forma que se aventam os estudos literários e linguísticos aqui expostos como, por exemplo, *A casa*, de Natércia Campos e, ainda, a lexicografia pedagógica em teoria sentido-

³ Cf. AGOSTINHO, Santo Agostinho. **Confissões**. 1. ed. São Paulo: Penguin, 2017.

texto. A terceira e quarta seção limitam-se, acima de tudo, a um relato de experiência, versando sobre a gestão da sala de aula universitária e os desafios na correção de erros nas aulas de língua portuguesa como língua estrangeira (LE) e, por último, uma resenha crítica que retrata os caminhos do educador e da pedagogia social no Brasil.

O que se pode notar, nessa coletânea de textos acadêmicos, é uma gama de pensamentos provindos de autores de níveis nacionais e internacionais oferecidos aos leitores da REDE, Revista Diálogos em Educação, com assuntos inéditos que ponderam à respeito da escola do século XXI e aos processos de ensino e aprendizagem, de uma escola dotada pela concepção freiriana⁴ onde os princípios libertadores e facilitadores possibilitam os alunos e os professores se verem como agentes transformadores do mundo. Uma educação composta de sujeitos ativos, ou melhor, de nativos digitais, expressão cunhada por Marc Prensky⁵ (2001), por dotarem de olhares conscientizadores sobre o devir digital uma vez que são capazes de intervir no real para a produção dos próprios saberes. Os artigos aqui elencados nessa edição propõem uma reflexão dos novos significados da prática educativa do ato de ensinar e do aprender através do trabalho docente, caracterizando e adjetivando a sociedade contemporânea pelo transbordamento de sua modernidade escolar tecnológica e não pelo acúmulo de matérias e suas infinitas tarefas com questionários onde os comandos das questões (o que é/qual é) não contextualizadas elaboradas por professores resistentes ao modelo de ensino digital afastam os seus alunos das expectativas da aprendizagem e da valorização para a vida. Valorização que ocorre por aquilo que Michel Young⁶ (2016), professor do Instituto de Educação da *University College London* (UCL), nomeia de conhecimento poderoso ao integralizar e consagrar a formação do indivíduo pelos aspectos sociais, cognitivos e artístico-culturais dentro de uma escola centrada na coletividade. Em síntese, o que se espera de você leitor é um sobrevoo no mais alto grau do conhecimento já que os textos nos colocam à imagem da gaivota que, ao voar com o seu bando acima do mar, observa os movimentos dos peixes para fisgá-los e, posteriormente, se alimentar, saboreando cada uma das linhas de suas escamas para garantir, no dia seguinte, forças e energias suficientes para o próximo voo e, entre as várias tentativas, poder mergulhar no mais profundo abismo marítimo em busca do saber e das ideias construtivas para se tornarem em aves libertárias.

⁴ Cf. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

⁵ PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. In: **On the Horizon**, vol. 9 n. 5, October 2001, p. 1-6. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>. Acesso em: 24 dez. 2020.

⁶ Cf. YOUNG, Michael. Por que o conhecimento é importante para as escolas do século XXI? In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n.159, p. 18-37 jan/mar. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/198053143533>. Acesso em: 24 dez. 2020.